

Jornal-Mural *A Frente*: Concepção e Desenvolvimento¹

João Vítor ROBERGE²

Ricardo BARRETO³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Este artigo analisa a produção do jornal-mural *A Frente*, elaborado como trabalho final desenvolvido sob a orientação do professor Ricardo Barreto na disciplina Edição, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina durante o segundo semestre de 2013.

A Frente é baseado da obra *A cozinha venenosa – um jornal contra Hitler* (Três Estrelas, 2013), da jornalista Silvia Bittencourt. Contém seis matérias e uma entrevista com a autora do livro. O jornal-mural *A Frente* é desenvolvido para o aprendizado dos alunos da disciplina Edição e para exposição durante a Semana Acadêmica de Jornalismo da UFSC. Desenvolvidos individualmente por cada um, os jornais propiciam uma ampla experiência em diversas áreas do jornalismo impresso: desde a apuração à produção do texto até a diagramação e, evidentemente, a edição.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornal-mural; edição; entrevista; comunicação

1 INTRODUÇÃO

Diferentemente de outros meios de comunicação, o jornal-mural (JM) é voltado para um público interno (França, 1988), sendo também uma importante ferramenta para a comunicação institucional. Apesar desta função usual, o JM tem a possibilidade de ser ferramenta de informação tipicamente jornalística, ainda com baixo custo e, conseqüentemente, possa ter menor alcance.

A Frente foi desenvolvido provando que o jornal-mural pode ser uma plataforma jornalística relevante. A disciplina Edição abrange praticamente todo o processo relativo ao jornalismo impresso, e o JM é a avaliação final desde 2000, com algumas mudanças nas diretrizes desde então.

Cada aluno matriculado escolhe um livro em uma lista oferecida pelo professor Ricardo Barreto, ou por sugestão própria. Os jornais são expostos no Departamento de Jornalismo da UFSC durante a Semana Acadêmica de Jornalismo, evento organizado por alunos. Como a plataforma “jornal-mural” tem como destino natural um público interno, as

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal Mural (avulso)

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: jvitor31@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSC, email: blue@cce.ufsc.br.

pautas dos trabalhos finais da disciplina Edição são desenvolvidas principalmente para jornalistas, trazendo história e crítica de mídia.

2 OBJETIVO

A produção do JM tem por objetivo primário a sua edição completa. Títulos, texto, legendas, linhas finas, “olhos”, créditos de imagem, todos estes elementos foram trabalhados durante o semestre letivo na disciplina. Rabaça e Barbosa (1978) definem edição como “o conjunto das atividades relativas à reprodução, publicação e distribuição de textos, peças musicais, desenhos etc., na forma de livros, jornais, revistas, catálogos, gravuras, cartazes, discos, fitas magnéticas, slides, filmes e outros veículos”.

Através de exercícios oferecidos no decorrer da disciplina, os alunos produziam os elementos citados acima com limite de linhas e caracteres, a partir de matérias publicadas em diversos jornais, sempre com temas voltados para o jornalismo. Na primeira semana de aula, a turma já produz um JM coletivo, permitindo também a edição do corpo das matérias.

Um jornal-mural precisa ser atrativo graficamente e também nas mensagens transmitidas pelos títulos de suas matérias. Só assim a pessoa que estiver circulando pelo local em que o JM está exposto vai se interessar e parar para ler o que lhe interessa.

3 JUSTIFICATIVA

Um jornal-mural é costumeiramente dirigido a um único público, um público restrito com um interesse definido. Como todo ano os trabalhos finais da disciplina Edição ficam expostos durante a Semana de Jornalismo da UFSC (evento acadêmico voltado a profissionais e estudantes da área), as opções de “livros-tema” são todas voltadas à atividade jornalística e sua história. Assim, os jornais são desenvolvidos de forma a ir ao encontro do interesse do seu público.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O jornal-mural *A Frente*, obedecendo às diretrizes pré-determinadas para o trabalho final da disciplina Edição, produziu matérias a partir do conteúdo e das impressões contidas no livro *A cozinha venenosa – um jornal contra Hitler*, escolhido de uma lista de obras selecionadas disponibilizada pelo professor-orientador.

São exercitadas todas as habilidades que competem ao jornalismo impresso. A etapa seguinte é a escolha de pautas, que acontece no decorrer da disciplina, em reuniões com o professor. A partir das pautas pode ser iniciada as primeiras análises de que tipo de conteúdo haverá no jornal. Pelo ineditismo da história tratada no livro, cada capítulo parecia importante o suficiente para se tornar pauta. Então, a escolha precisou ser mais cautelosa do que costumeiramente é neste trabalho da disciplina Edição.

A pauta é uma das contribuições do jornalismo norte-americano ao jornalismo brasileiro. (...) é um roteiro destinado à pré-seleção das informações a serem publicadas. É através da pauta que se distribui o conjunto de tarefas destinadas aos profissionais que integram a redação: repórteres, redatores e editores (MARQUES DE MELO, 1981, p.61)

Como o livro é a única fonte de informação sobre seu objeto central, a pesquisa e a apuração para *A Frente* saíram muito de dentro da própria obra de Silvia Bittencourt. Contudo, alguns detalhes para as matérias, como a biografia de Alfred Einstein, precisaram ser pesquisadas por fora de *A cozinha venenosa*, em conteúdos nos idiomas inglês e alemão.

A obra de Bittencourt, lançada no mesmo ano da produção de *A Frente* (2013), trazia uma história raramente tratada, mesmo na Alemanha. Então, cada informação trazida pelo livro parece de extrema importância pelo seu ineditismo. O espaço limitado pelas páginas impedia que o conteúdo fosse mais trabalhado, mais profundo, ou talvez mais prolixo. A edição de texto foi muito para que as matérias coubessem em seus lugares predeterminados.

Por se tratar de uma história relacionada principalmente entre o período das duas guerras mundiais, *A Frente* não possui, de fato, o gancho, o caráter de notícia, o imediatismo que um jornal costumeiramente tem. Estes fatores são compensados pelas reportagens históricas.

Uma matéria, “Einstein já escreveu no Post”, se destaca das demais, que tratam da luta que de um lado tem o jornal *Münchener Post*, os social-democratas alemães, e do outro os nazistas. Esta matéria traz a amenidade inédita, a curiosidade.

O título e o lead brincam com o leitor desatento, dando a entender que ou a redação está errada, ou que Albert Einstein escrevia para o jornal, quando na verdade, se tratava de um possível parente distante, o musicólogo Alfred Einstein. Ricardo Noblat (2008), minimiza a quantidade de histórias, valorizando o ineditismo, a apuração e a escrita. *A Frente* seguiu este pensamento.

Mais valem cinco boas histórias por dia — inéditas, bem apuradas, bem escritas, inteligentemente editadas e capazes de capturar a atenção dos leitores — do que centenas de notícias reunidas às pressas e sem maiores critérios. (NOBLAT, 2008, p. 129)

Para o professor Ricardo Barreto, o caminho para se conseguir um jornal-mural de excelência para a disciplina era a entrevista, no formato ping-pong. Ou o autor do livro escolhido, ou ao menos alguém muito importante relacionado ao tema, deveria ser entrevistado.

Um bom repórter deve ter pleno domínio da técnica de entrevistar, pois, mesmo que tenha um excelente texto, a falta de informação é fatal a qualquer material jornalístico. Arrisco-me a afirmar que a essência da técnica jornalística está na captação dos fatos e não na forma de veiculá-los, sem desconsiderar a grande importância que a forma de exposição tem no produto final. (LANZETTA, mimeo.)

A autora de *A cozinha venenosa*, Silvia Bittencourt, mora na Alemanha. Uma entrevista por telefone seria difícil, devido aos custos financeiros. Encontrá-la pessoalmente, ainda mais. Então, o autor de *A Frente* contatou a editora do livro, a Três Estrelas, para obter o endereço de e-mail. Com o contato obtido, a entrevista se deu por e-mail, com Silvia Bittencourt se disponibilizando prontamente. O roteiro pré-determinado em conjunto entre o autor do JM e o professor da disciplina Edição foi seguido à risca, e Bittencourt respondeu à entrevista de maneira esclarecedora. Foi uma entrevista inédita em que ela falou, pela primeira vez, sobre sua pesquisa para o livro, o papel da imprensa na Alemanha nazista, e a conjuntura e os confrontos políticos alemães durante as décadas de 20 e 30.

Graficamente, *A Frente* foi projetado para não repetir, em nenhum momento, sua estrutura. Na primeira página, há duas matérias de quatro colunas, e outra num “corredor” de apenas uma coluna. Na segunda, a manchete vertical, em três colunas, e outras duas nas duas colunas restantes. A entrevista com Silvia Bittencourt precisou ficar avulsa em uma página extra, tamanha foi a importância de suas respostas na entrevista e do tratamento do tema do livro.

Todas as cores foram pensadas previamente. As capitulares das páginas 1 e 3 tiveram cores escolhidas de acordo com a bandeira atual da Alemanha, assim como amarelo dos boxes, em conjunto com o vermelho do logo do JM e dos trechos destacados.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O jornal-mural *A Frente* tem como tema o livro *A cozinha venenosa* – um jornal contra Hitler, de Silvia Bittencourt. É composto por três páginas de tamanho A3, diagramado em cinco colunas, impresso em papel couché, de gramatura espessa. Logomarca, textos e diagramação foram feitos pelo autor do jornal.

A matéria principal é uma resenha crítica e resumo da obra de Bittencourt, em que é possível exercitar o texto opinativo. As cinco outras são correlatas da resenha (“Valia tudo para tentar destruir o nazismo”, “Os dois partidos tinham tropas diferentes”, “Nacional-socialismo perseguiu vários redatores do Münchener”, “O Judiciário apoiava a direita” e “Einstein já escreveu no Post”). E a entrevista com a autora do livro, Silvia Bittencourt, é intitulada “Imprensa alemã não percebia o perigo”, ocupando toda a terceira página.

Ao pé de cada página há três frases, as duas primeiras retiradas de *A cozinha venenosa* e a terceira, da entrevista com Silvia Bittencourt. Cada citação ilustra o jornal-mural, buscando impactar positivamente e convidar o leitor à leitura mais detalhada.

Também está no JM o recurso do destaque de trechos importantes das matérias com a formatação negrito e a mudança de cor.

6 CONSIDERAÇÕES

Como foi produzido na quarta fase do curso de Jornalismo da UFSC, o jornal-mural pode ser considerado o trabalho em que o estudante reúne todas as habilidades referentes ao jornalismo impresso desenvolvidas ao longo de três semestres. Além da edição, elaboração de pauta, apuração, redação, entrevista e diagramação também são atividades exigidas no JM. É uma oportunidade excelente até mesmo para o estudante testar suas habilidades e identificar aptidões no jornalismo impresso.

É uma rara oportunidade de participar de todas as etapas da atividade jornalística na imprensa (inclusive na produção de texto opinativo) num trabalho em que todos os estudantes apaixonados e engajados com o jornalismo deveriam se dedicar. A produção deve começar já na escolha de um “livro-tema” interessante para o desenvolvimento do trabalho. A escolha certa é ideal para motivar pesquisa e apuração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Silvia. **A cozinha venenosa**: um jornal contra Hitler. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

FRANÇA, Fábio. **Jornal-mural:** nova e eficiente opção. Disponível em <http://www.portalrp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/comunicacaodirigida/0059.htm>, acessado em 19/10/2013, às 19h31.

LANZETTA, Luiz. **A entrevista jornalística.** (mimeo.).

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1981.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** 7^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

ANEXOS

A FRENTE

Florianópolis, 8 de novembro de 2013

Edição 1 - Ano 1

Brasileira conta história do jornal pioneiro na luta contra Adolf Hitler

O pequeno diário foi o maior rival do *führer* na mídia da Alemanha

Adolf Hitler ficou mais conhecido na Alemanha a partir do fracasso do *Putsch* da Cervejaria de 9 de novembro de 1923, uma tentativa de golpe de Estado nazista na Baviera. A partir de então, jornais burgueses e de partidos de esquerda passaram a prestar mais atenção nos passos do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (NSDAP), eventualmente criticando suas diretrizes políticas. Mas um pequeno jornal de Munique observava os passos de Hitler e do partido nazista recém-fundado desde 1920. À medida que a popularidade do NSDAP crescia, o *Münchener Post* passava a disputar batalhas em estilo Davi e Golias contra o então futuro *führer*. Ainda assim, o diário conseguia incomodar a extrema-direita alemã e se tornou um dos principais inimigos de Hitler, que chamava o jornal de “cozinha venenosa” e “*Münchener Pest*” (Peste de Munique). Uma história bastante curiosa e heroica. Mas ficou perdida no tempo, sem ficar conhecida nem mesmo pelos alemães nos anos seguintes do fechamento do jornal, em 9 de março de 1933.

Foi necessária a pesquisa de uma jornalista brasileira radicada na Alemanha para remontar o histórico do *Münchener Post*. Silvia Bittencourt



traz, em mais de 300 páginas, uma história detalhada do jornal e das pessoas que passaram pela redação. O livro começa pelo final, contando a segunda e última destruição total da redação, o chamado “empastelamento”. E então, depois de contar as histórias das entrevistas com os descendentes dos principais personagens do jornal, começa o enredo. Da fundação do jornal, passando pela 1ª

imagem à direita), até seus últimos suspiros na batalha contra o nazismo, quando o jornal sofria com as indenizações impostas pela Justiça de Munique. E por fim, o epílogo sobre o que aconteceu com as pessoas que trabalharam no *Post* após a destruição definitiva do jornal.

A história é contada de forma dinâmica por Bittencourt, mas sem perder o detalhismo. Parece literatura de ficção, de tão fácil de acompanhar e se envolver com a história. Mas se o leitor não estiver habituado e concentrado, pode ser perder entre os vários nomes alemães que passam pelos quase 50 anos do jornal. O livro ainda conta com um anexo repleto de imagens da época, páginas do *Post* e a história da Alemanha e do jornal dividida em tópicos cronológicos, além de seis artigos na íntegra. Um deles é sobre a proclamação da República no Brasil, de 1889.

O *Münchener Post* foi fundado em 1886 e começou como um pequeno semanário de quatro páginas. Era o jornal do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), de esquerda moderada. Sempre



pequeno, dificilmente a redação tinha mais de dez pessoas trabalhando. O auge do jornal foi em 1914, quando a tiragem chegou a 30 mil exemplares. Tinha edições vespertinas, e uma no sábado que cobria o final de semana. Possuía editoriais de esporte, cidade, nacional e cultura. A partir da década de 20, chegou a ter três editoriais de política: Munique, Baviera e Alemanha.

Fato curioso: Louis Vierck, um dos fundadores do *Post*, teve como padrinho de casamento ninguém menos que o co-fundador do marxismo, Friedrich Engels.

A redação foi apelidada de cozinha venenosa pelo grande inimigo

Valia tudo para tentar destruir o nazismo

Era 14 de maio de 1920, o *Münchener Post* publicou que “um certo senhor chamado Hitler” discursava os clichês do nacionalismo e calúnias contra a social-democracia na reunião do NSDAP. Não era nada além de uma questão política local, publicada na editoria Assuntos de Munique.

À medida que Hitler se popularizava e crescia com o NSDAP, o jornal do SPD passou a atacar os rivais impiedosamente. As críticas eram direcionadas à xenofobia, ao nacionalismo extremado, e principalmente ao antissemitismo pregado por Hitler. Para isso, o *Post* não se importava em contrariar os princípios da própria social-democracia. O maior exemplo é o dos ataques a Ernst Röhm em 1931, um dos melhores amigos de Hitler e chefe da SA (*Sturmabteilung*), a organização paramilitar do NSDAP.

Havia boatos tanto no partido



Hitler perde votos e vira charge

quanto na imprensa de Munique de que Röhm fosse homossexual, e isto era uma violação grave no nazismo e um crime segundo as leis alemãs. O SPD, porém, era a favor da descriminalização do homossexualismo. Mas na primeira semana

de junho de 1931, o editor-responsável do jornal, Ehrard Auer, recebeu uma carta de Elise Hergt, noiva do conselheiro jurídico ligado aos nazistas, Eduard Meyer. A carta escrita por Meyer era destinada a Ernst Röhm, e além de comprovar a orientação sexual do chefe da SA, ainda o chantageava. O editor-responsável do *Post* decidiu publicar a carta, e assim começava uma campanha homofóbica e sem escrúpulos para desmoralizar o movimento nazista. O jornal questionava a permanência de Röhm em seu cargo, alegando que era uma ameaça à juventude alemã que um homossexual fosse responsável por um exército. “Aqui está em jogo a saúde moral e física da juventude alemã”, dizia um dos artigos publicados.

Em 1924, houve o episódio conhecido como a Lenda da Punhalada. O monarquista Paul Cossmann lançou na sua revista cultural *Süddeuts-*

che Monatshefte vários artigos e documentos indicando que o povo alemão, influenciado pela social-democracia, apunhalou seus soldados pelas costas na 1ª Guerra Mundial, com manifestações contra o governo e greves. Neste caso, o *Post* tentou desmentir as acusações, justificando os apelos de paz feitos no final da guerra, e culpando a política nacionalista do governo conservador da época. O que caracterizou a contradição dos semitas social-democratas foi a referência pejorativa a Cossmann como “o judeu Cossmann”.

Eventualmente, o *Post* era irônico e humorado em suas campanhas. Quando o NSDAP perdeu votos em pleito para o parlamento em 1932, o jornal publicou a charge à esquerda comparando o fracasso da tentativa de golpe de Estado de Hitler em 1923 com a sua queda de popularidade em 32. “Adolf de quatro novamente”, ironiza o *Post*.

Curso de Jornalismo da UFSC
Atividade da disciplina Edição
Professor: Ricardo Barreto
Edição, textos, planejamento gráfico e colorização eletrônica: Sôto Vinet Robergo
Serviço editoriais: Universidade de Hamburgo (uni-hamburg.de)
Colaboração: Caio Spechoto, Elva Glóbia, Guilherme Longo, Janine Silva
Impressão: Postmax Soluções Gráficas
Novembro de 2013

Os dois partidos tinham tropas muito diferentes

Os conflitos entre nazistas e social-democratas contavam muitas vezes com organizações paramilitares dos dois lados. Eram espécies de exércitos paralelos, que protegiam os líderes de seus movimentos e travavam batalhas nas ruas entre a década de 20 e o início da década de 30. Hitler prevaleceu nesta disputa também.

Em novembro de 1920, era criado no NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores da Alemanha), o Departamento de Ginástica e Esportes, para poder combater os seus adversários fisicamente. Em outubro do ano seguinte, surgiu então a SA (*Sturmabteilung*), organização paramilitar nazista. Inicialmente tinha 300 recrutas, e era formada principalmente entre jovens desempregados, artesãos e estudantes, todos vindos das decadentes milícias de bairro. Eles tinham comida e dinheiro garantidos, obtidos com doações e contribuições dos filiados do partido. As funções eram tumultuar e vandalizar qualquer evento que envolvesse comunistas e social-democratas, ameaçar e assassinar os rivais e fazer marchas pelo ideais nazistas. E não levou muito tempo para que a tropa aumentasse em quantidade de membros: Em 1923, ano da fracassada tentativa de golpe de Estado, já eram 6 mil.

Em 7 de julho de 1924, foi criado pelo SPD, pelo Partido Católico Centro e por outras agremiações democráticas, o Reichsbanner, com o propósito de proteger os eventos políticos de seus fundadores e as instituições republicanas de ataques vindos de comunistas e nacionalistas. Apesar de passar a impressão de ser uma grande instituição, a SA era muito mais poderosa. Foi a organização nazista que deu origem à famosa SS (*Schutzstaffel*).

Enquanto o Reichsbanner era dissolvido por ataques e perseguições nazistas, a antiga guarda pessoal de Hitler tinha mais de 50 mil membros no ano da destruição do *Münchener Post*, em 1933. E se tornaria uma das organizações mais influentes e poderosas da Alemanha nazista.

“Tal partido é o bacilo venenoso mais perigoso que o corpo do povo vem carregando consigo”

Edição do *Münchener Post* de 19 de fevereiro de 1922 sobre o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (NSDAP)

A FRENTE

Florianópolis, 8 de novembro de 2013

Edição 1 - Ano 1

Curso de Jornalismo da UFSC
Atividade da disciplina Edição
Professor: Ricardo Barreto
Edição, textos, planejamento gráfico e editoração eletrônica: João Victor Roberge
Serviços editoriais: Universidade de Hamburgo (uni-hamburg.de)
Colaboração: Caio Specchoto, Elva Gladis, Guilherme Longo, Janine Silva
Impressão: Postmix Soluções Gráficas
Novembro de 2013

O Judiciário apoiava a direita

Durante seus 13 anos de duras batalhas contra Hitler e o nazismo, o *Münchener Post* foi muito prejudicado pelos processos judiciais que teve contra si. A Justiça bávara era conservadora, tinha tendências direitistas e era muito simpática com o nacional-socialismo. Dois casos históricos exemplificam as inclinações do Judiciário bávaro contra grupos de esquerda e o *Post*: A Lenda da Punhalada e o Caso do Tirol.

O caso da Lenda da Punhalada de 1924-25, descrito na página 1 d'*A Frente*, teve um desfecho favorável a Paul Nikolaus Cossmann, que processou o editor-executivo do *Post*, Martin Gruber, por injúria quando o jornal desmentiu as acusações de que teria destruído a reputação e ajudado a derrotar o exército alemão na 1ª Guerra Mundial, chamando Cossmann pejorativamente de judeu. Na época da guerra, o *Post* se declarava claramente contra o conflito, mas não contra o exército alemão. Tanto que as punições impostas pelos inimigos após a guerra foram muito criticadas em suas páginas.

Apesar de uma defesa notadamente mais fundamentada pelo advogado do jornal, o judeu Max Hirschberg, o veredito foi favorável aos grupos de direita, após um julgamento que durou de 19 de outubro a 9 de dezembro de 1925. O juiz Albert Frank declarou não ter provas suficientes para condenar o jornal por traição à pátria. Por outro lado, não só deixou de condenar as falsas acusações de Cossmann como Gruber foi condenado por injúria e difamação continuada, tendo que indenizar Cossmann em 3 mil marcos do Reino.

Em 1928, Hitler e o *Post* trava-

ram um grande conflito judicial no "Caso do Tirol". O jornal publicou artigos criticando a posição do líder nacional-socialista a respeito dos movimentos por autonomia no Tirol do Sul, uma região anexada à Itália ao final da 1ª Guerra e habitada por 200 mil alemães. Hitler era contra a autonomia do Tirol, posição que era contrária aos seus princípios pan-germânicos e nacionalistas.

"Pela amizade com Mussolini, ele entrega o Tirol do Sul para a corja fascista", dizia uma das páginas do *Post* em 21 de maio de 1928. Um dos textos de um cartaz do Partido Social-Democrata dizia que Hitler recebia liras italianas em troca de sua postura. Indignado, o *Führer* processou o redator do *Post* e poeta Julius Zerfass, que escreveu o texto do cartaz, e também quatro jornalistas de outros noticiários que destacaram o assunto.

No julgamento, em maio de 1929, Hitler se vitimizou e a decisão do juiz Albert Frank foi a condenação de Zerfass por injúria e a indenização de mil marcos do Reino ao nazista.

Além dos casos em que foi prejudicado pela Justiça, o *Münchener Post* foi impedido de circular várias vezes por governadores bávaros ou pela polícia, por causa de coberturas muito críticas de qualquer ação que envolvesse ou favorecesse os nacional-socialistas. Por exemplo, em 1923, o jornal fazia denúncias de que os nazistas preparavam um golpe de Estado (o *Putsch da Cervejaria*, em 9 de novembro de 1923). Por isso, em 6 de junho, o jornal tinha uma tarja preta na capa, informando que foi proibido pela polícia bávara de circular até o dia 10.

Einstein já escreveu no *Post*

Pouca gente sabe disso atualmente, mas de 1917 a 1927, Einstein tinha um espaço no *Münchener Post* como crítico de música. De origem judia, ele nasceu em 30 de dezembro de 1880, em Munique. Chegou a estudar Direito no ano anterior à conclusão de seu doutorado em Musicologia e Composição na Universidade de Munique, já no ano de 1903. As informações não parecem ser as mesmas que o leitor pode conhecer, mas é porque o primeiro nome deste Einstein não é Albert. É Alfred.

Existem algumas controvérsias sobre a relação entre Albert Einstein, o famoso físico, e o não tão conhecido musicólogo Alfred Einstein. A hipótese mais provável é que os dois eram primos distantes de 6º grau, descendentes de Moyses Einstein, há

sete gerações. Há alguns relatos indicando que os dois se conheceram ainda na infância em Munique. Em 1928, foram vizinhos em Berlim e se tornaram amigos. Se reencontraram na Universidade de Princeton, nos EUA, anos depois.

Depois de mais de uma década no *Post*, Alfred Einstein foi para o *Berliner Tageblatt*, ainda na função de crítico musical.

Quando Hitler se tornou chanceler em 1933, Alfred teve que se exilar. Passou pela Inglaterra e pela Itália, até chegar aos EUA em 1939. Lá, lecionou para pós-graduação na sua área em diversas universidades, como Princeton, Columbia e Michigan.

Treze anos depois, Alfred Einstein faleceu aos 71 anos em 13 de fevereiro de 1952, na cidade de El Cerrito, na Califórnia.

Nacional-socialismo perseguiu vários redatores do *Münchener* Editor chegou a ser espancado por jovens fascistas

Liberdades de imprensa e expressão eram direitos muito combatidos pela ideologia nazista. O objetivo de Hitler era eliminar toda e qualquer publicação que não fosse a favor das diretrizes impostas pelo seu governo e por seu partido. Tudo o que estivesse fora deste padrão deveria ser destruído de qualquer maneira. Com o *Münchener Post*, o principal inimigo dos nacional-socialistas na mídia, isto foi seguido à risca, levando a redação do jornal a duas destruições.

Em setembro de 1921, o líder social-democrata Erhard Auer assumia a direção do *Post* como acionista e editor-responsável. Na época, os atritos entre Hitler e a publicação do SPD já existiam. Os ajudantes de Hitler frequentemente faziam ameaças com telefonemas e cartas anônimos, também direcionados ao apartamento de Auer. O prédio do *Post* também tinha suas vidraças constantemente apedrejadas. Auer chegou a ser atacado por duas pessoas na noite de 25 de outubro, mas conseguiu se defender e atirou contra os agressores, que conseguiram fugir e nunca foram presos. Outro caso de violência aconteceu em julho daquele ano, quando três granadas foram jogadas para dentro da redação, mas não explodiram.

Durante o *Putsch da Cervejaria* (tentativa de golpe de Estado feita por Hitler) de 9 de novembro de 1923, o jornal foi empastelado. A secretaria, a redação, o escritório de Erhard Auer, a tipografia e a gerência e administração da editora foram destruídos por homens da organização paramilitar nazista, a SA. Também invadiram e destruíram a mobília do apartamento de Auer, e além de ameaçarem a esposa e a filha, sequestraram o genro do editor.

Enquanto o partido de Hitler, o NSDAP, seguia em rápida e eficiente ascensão, o *Münchener Post* publicava uma lista em 25 de novembro de 1931, que continha nomes das pessoas que deveriam ser eliminadas assim que os nazistas chegassem ao poder. O jornal se referia a este pla-



Zerfass foi levado para Dachau

nejamento como "preparativos para a Noite de São Bartolomeu nazista", em alusão ao massacre promovido contra protestantes na França, em 1572. O assunto continuou nas edições seguintes do jornal, e em 4 de dezembro, o editor-executivo do *Post*, Martin Gruber, foi espancado por dois jovens. Após a vítima gritar, os criminosos fugiram aos berros de "Heil Hitler". Gruber foi resgatado por um ciclista que o levou até sua casa.

O segundo empastelamento do *Post* foi a destruição definitiva do jornal, e um símbolo do fim da imprensa oposicionista na Alemanha. Era 9 de março de 1933, a SA invadiu o número 19 da rua Altheimer Eck, em Munique, para destruir a "cozinha venenosa". Rendendo vigias da organização paramilitar social-democrata, o Reichsbanner, os nazistas destruíram tudo e fizeram uma fogueira comemorativa do lado de fora com documentos e papéis do jornal. Quem participava do *Post*

estava em casas de amigos e parentes. Mas o advogado Max Hirschberg ariscou permanecer em sua casa. Foi preso e passou os seis meses seguintes encarcerado.

A perseguição às pessoas que trabalharam no *Post* ficou mais forte depois da sua destruição definitiva. Dois meses depois, em 22 de junho, Hitler divulgou um decreto que considerava o Partido Social-Democrata "hostil ao Estado e ao povo". Com isto,

a social-democracia foi destruída, e todos os políticos e profissionais ligados à ela perderam seus empregos, cargos e mandatos. E poucos dias depois, quase 3 mil democratas foram confinados em prisões ou campos de concentração.

O redator da editoria de cultura e poeta, Julius Zerfass, passou por uma das situações mais complicadas. Ele foi traído por Friedrich Göring, também da redação do jornal. Göring o entregou aos nazistas como o protagonista do pedido negado de indenização ao Estado pelo empastelamento de 1933. Foi levado ao campo de concentração de Dachau, nos arredores de Munique, mas foi misteriosamente liberado no final do ano. Para Wilhelm Hoegner, ex-deputado e articulista do *Post*, os nazistas o liberaram pelos seus problemas físicos. Foi a chance para Julius Zerfass finalmente fugir com a mulher e o filho para a Suíça em 1934, onde escreveu um livro contando as histórias do sofrimento vivido em Dachau.

Há mais de uma década antes,

Auer foi baleado antes de assumir a publicação do SPD

Erhard Auer ainda não era editor-responsável do *Münchener Post* e sofreu um dos atentados mais impactantes entre os social-democratas que trabalhariam na imprensa. O mais impactante aconteceu com o primeiro governador da Baviera e jornalista do *Post*, Kurt Eisner.

Eisner foi um dos protagonistas do golpe contra a monarquia bávara em 1918. Em 21 de janeiro de 1919, ele renunciaria dentro de poucos instantes, devido às pressões que sofria e pela derrota do seu Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD) nas eleições parlamentares.

Ele caminhava rumo à assembleia bávara para fazer seu discurso de renúncia quando o nacionalista Arco Auf Valley o matou a tiros. Valley tinha ligações com a Sociedade Thule, uma organização secreta antissemita de onde saíram vários membros do partido nazista que ainda seria criado. Minutos depois, enquanto Auer discursava em memória de Kurt Eisner, o açougueiro Alois Lindner atirou contra o líder do SPD. Ele passou vários dias inconsciente, mas conseguiu sobreviver graças à ajuda médica do famoso cirurgião Ferdinand Sauerbrich.



Gruber foi mais uma vítima

"O *Münchener Post*, uma das publicações judaicas mais imundas, mancha pessoas corretas"

Adolf Hitler em artigo publicado pelo jornal nazista *Völkischer Beobachter* em 8 de maio de 1921

A FRENTE

Florianópolis, 8 de novembro de 2013

Edição 1 - Ano 1

Curso de Jornalismo da UFSC
Atividade da disciplina Edição
Professor: Ricardo Barreto
Edição, textos, planejamento gráfico e editoração eletrônica: João Vítor Roberge
Serviços editoriais: Universidade de Hamburgo (uni-hamburg.de)
Colaboração: Cássio Specht, Elva Gladis, Guilherme Longo, Janus Silva
Impressão: Postmix Soluções Gráficas
Novembro de 2013

Imprensa alemã não percebia o perigo

Autora explica que noticiários passaram a atacar o NSDAP só a partir da década de 30

Já são 22 anos vividos por Sílvia Bittencourt na Alemanha, nos anos 80. Pediu licença do jornal, e foi aprender o idioma alemão. Conseguiu estágio em um jornal de Frankfurt e um trabalho como correspondente-júnior da *Folha de São Paulo*. Voltou ao Brasil depois de seis meses e ainda ficou mais dois anos trabalhando como repórter da *Folha*, sempre pensando em retornar para a Alemanha e viver lá. Em 1991, quando surgiu a oportunidade para estudar história em Colônia, se demitiu e saiu do Brasil definitivamente, mas ainda trabalhando como *freelancer* para o diário de São Paulo.

Atualmente, a jornalista mora na menos conhecida cidade de Heidelberg com seu marido e seus dois filhos. A cidade tem pouco mais de 145 mil habitantes e fica no estado de Baden-Württemberg, sudoeste da Alemanha.

O interesse pelo *Münchener Post* surgiu quando o diretor de redação da *Folha de São Paulo*, Otávio Frias Filho, leu o livro de 1998, *Para entender Hitler*, do estadunidense Ron Rosenbaum, e o indicou para Sílvia. No livro, Rosenbaum menciona e parabeniza o *Post*, chegando a fazer um apelo para que algum jornalista ou historiador alemão escrevesse uma história sobre a publicação do partido social-democrata. Quinze anos depois do lançamento de *Para entender Hitler*, a história detalhada foi publicada, mas não por algum jornalista alemão como Rosenbaum estava esperando, e sim pela paulistana. Nesta entrevista para *A Frente*, Sílvia Bittencourt fala da sua pesquisa, dos efeitos do *Münchener Post* no caminho do nazismo, da demora da imprensa alemã para se opor a Hitler e do que aconteceu após o “empastelamento” definitivo do jornal.



Goldschagg já em 1955

A Frente - Você entrou em contato com descendentes das pessoas que trabalharam no *Münchener Post*. Como foi feita a pesquisa para encontrá-los?
Sílvia Bittencourt - Eu entrei em contato com o Partido Social-Democrata de Munique. Alguns familiares dos jornalistas e advogados do *Post* ainda são ligados ao partido, então isto nem foi muito difícil.

A Frente - A história do jornal ficou esquecida no tempo. Quais foram os motivos para isto, na sua opinião?

SB - Os historiadores que me ajudaram costumam dizer que não há muito interesse na Alemanha pela história da imprensa, talvez isto justifique este desconhecimento. Mas, de minha parte, acho que os poucos historiadores e jornalistas a par desta história do *Post* não perceberam como ela é fascinante. Alguns até menosprezam esta história, ressaltando que o jornal era sensacionalista demais, cometia barbaridades... Mas isto não torna sua história menos interessante.

A Frente - A pesquisa foi muito difícil de ser feita ou o conteúdo da biblioteca de Munique era suficiente?

SB - Os arquivos alemães são muito organizados, então não foi tão difícil encontrar as fontes necessárias. Várias vezes saí frustrada de Munique por não encontrar um documento ou outro, por não conseguir confirmar uma informação. Mas, no geral, havia um material grande à disposição. Inclui uma coleção



Autora atendeu ao pedido de Ron Rosenbaum

“Não existe muito interesse alemão pela história da imprensa”

o deixava com muita raiva e o obrigava a tomar uma série de medidas para não se prejudicar politicamente. Mas nada disso impediu a ascensão dele.

A Frente - O fato de o jornal ser de um partido comprometido a difusão das ideias? Se um jornal burguês de maior alcance fosse o primeiro a alertar sobre os nacional-socialistas, o povo alemão levaria mais a sério?

SB - É difícil dizer. Vários jornais grandes e de peso, como o liberal *Frankfurter Zeitung*, também fizeram oposição a Hitler. Mas tarde demais, no início dos anos 30. Já a popularidade de Hitler já era alta e ainda aumentava. A verdade é que, em Munique, onde começou a carreira política

dele, o *Post* foi o único a fazer uma oposição ferrenha do início ao fim. Mas realmente, na condição de um jornal de esquerda, era difícil conquistar leitores num Estado ultraconservador como a Baviera. Os outros jornais bávaros acordaram para o perigo só mais tarde.

A Frente - Existiram outros jornais que passaram a ter o mesmo comportamento do *Post* mais tarde?

SB - Vários fizeram oposição, mas, como já disse, quando era tarde demais. Só para citar alguns: além do *Frankfurter Zeitung*, o *Tageblatt*, de Berlin. Na Baviera, o católico *Bayerischer Kurier* foi uma voz bem crítica a Hitler, e o *Gerader Weg*, também de Munique, do famoso jornalista Fritz Gerlich, a quem Hitler odiava. Gerlich foi morto pelos nazistas em 1934, na chamada “Noite dos Longos Punhais”.

A Frente - Você diz que o diário dos social-democratas era sensacionalista e falhava na apuração várias vezes. Qual foi o grande erro ético cometido pelo jornal?

SB - O jornal publicava quase toda informação que chegava



Empastelamento de 1923 impediu circulação do *Post* por dias

contra Hitler. E às vezes não checava. Um dos casos mais curiosos que conto no livro foi a campanha iniciada pelo *Post* contra o líder da SA [entidade paramilitar nazista], Ernst Röhm, amigo de Hitler. Ele era homossexual e o jornal fez uma campanha muito preconceituosa contra ele, visando atingir Hitler. O interessante é que vinha de uma publicação do SPD, um partido abertamente favorável à descriminalização do homossexualismo. Mas para acertar Hitler, o *Post* fez de tudo. Neste caso, publicou várias cartas que se revelariam mais tarde como sendo falsas. No final, continuou tudo da mesma forma: a popularidade de Hitler continuou subindo, Röhm não perdeu o seu posto na SA e o *Post* saiu desacreditado.

A Frente - O jornal foi prejudicado muitas vezes com a quantidade de condenações nos processos abertos contra ele. A Justiça bávara era de fato justa?

SB - A Justiça bávara não era nada justa. Seus juízes não escondiam seu ultraconservadorismo e sua aversão a qualquer grupo de esquerda. Tanto que

o *Post* raramente ganhava uma causa política. É certo que esta condescendência da Justiça e do próprio governo bávaro com grupos de direita foi determinante para a ascensão de Hitler. Talvez ele não tivesse sobrevivido politicamente em outro Estado com suas posturas extremamente antissemitas e conservadoras.

A Frente - A social-democracia alemã era contraditória em suas ideias? Houve muitas falhas de articulação?

SB - Não necessariamente contraditória, mas teimosas. Por exemplo, os comunistas eram bem populares e bem representados no Parlamento. Em vez de buscar uma união com eles, a social-democracia os atacava com a mesma intensidade usada contra os nazistas. Esta divisão da esquerda foi fatal e ajudou a ascensão de Hitler.

A Frente - Terminada a 2ª Guerra, a imprensa alemã precisava se reestruturar depois da censura e dos “empastelamentos” que Hitler promoveu contra os jornais de oposição. O exército estadunidense chamou o ex-editor do já extinto *Münchener Post*, Edmund Goldschagg, para começar um novo diário, o *Süddeutsche Zeitung*, que hoje é o principal jornal alemão. Quais as qualificações dele para que recebesse essa convocação?

SB - Diferentemente dos colegas do *Post*, Goldschagg era 100% jornalista. Desde jovem trabalhou em jornal. Os outros colegas do *Post* tinham outras formações, alguns até foram artesãos antes de entrarem no jornalismo. E nos anos 20, exerciam funções no Partido Social Democrata e em sindicatos. O Goldschagg foi chamado por sua experiência jornalística e por seu passado antinazista.

A Frente - Pela participação de Edmund Goldschagg, o *Süddeutsche Zeitung* poderia ser considerado um sucessor do *Münchener Post*?

SB - Na verdade, hoje o grande *Süddeutsche Zeitung* pode ser considerado o sucessor do *Münchener Neueste Nachrichten*, um dos maiores jornais alemães na época da República de Weimar. O *Süddeutsche* foi fundado em 1945 e aproveitou a infra-estrutura do *Neueste*. Mas hoje ele é mais de esquerda do que foi o antecessor, que tinha posições muito mais conservadoras e liberais.



Hitler vence outro processo

“Vários jornais se opuseram quando era tarde demais”

“O jornal publicava quase toda informação que chegava contra Hitler. E às vezes não checava”

Sílvia Bittencourt, autora de *A cozinha venenosa*